

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA  
LUCAS ESCOBAR**

**KIERKEGAARD E TEMOR E TREMOR: UMA APROXIMAÇÃO FILOSÓFICA  
AO CONCEITO DE FÉ**

Juiz de Fora  
2022

**LUCAS ESCOBAR**

**KIERKEGAARD E TEMOR E TREMOR: UMA APROXIMAÇÃO FILOSÓFICA  
AO CONCEITO DE FÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira.

Juiz de Fora

2022

ESCOBAR, Lucas. **Kierkegaard e Temor e Tremor**: uma aproximação filosófica ao conceito de fé. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso Graduação em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2022.

:

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira - UniAcademia  
Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles - UniAcademia  
Leitor

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mabel Salgado Pereira - UniAcademia  
Presidente

Examinado (a) em: 30/11/2022.

Dedico este trabalho ao sumo Deus que na sua infinita misericórdia chamou-me para auxiliá-lo no serviço da sua messe; à Imaculada Conceição pela sustentação nesse caminho para o sacerdócio. Por fim, dedico a minha família, amigos, ao Seminário São João XXIII e todos que rezam por mim.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom de minha vida, que na sua primeira oportunidade chamou-me para segui-lo no caminho rumo ao sacerdócio em serviço a todo o povo de Deus.

À toda minha família por todo apoio e oração dedicados a mim e ao caminho que escolhi trilhar, principalmente nos momentos de maior ansiedade pela produção deste trabalho.

Aos meus colegas e irmãos do Seminário São João XXIII por todo o apoio nesta caminhada e em especial à minha turma.

Aos meus professores que durante o percurso acadêmico de filosofia, nunca deixaram de demonstrar o empenho ao repassar todo o conhecimento adquirido.

Ao Prof. Dr. Padre Rômulo pelo apoio e sua disponibilidade generosa em atender as necessidades que vinham aparecendo durante a produção deste trabalho. À Prof.<sup>a</sup> Ms. Regina Lúcia, coordenadora do curso por todo o empenho para com os alunos do curso de filosofia.

Aos meus amigos que sempre se fizeram presentes em minha vida, em especial àqueles que me ajudaram no processo de desenvolvimento deste trabalho, dando-me coragem e luz quando os caminhos pareciam tortuosos: Jesus Milton, Victor Souza, Maria Clara, Rullian Kopke, Padre Gétero, Antônio e Leandra.

Ao magnífico reitor do Seminário São João XXIII, Padre Marcos R. Silvestre, pela amizade, confiança e auxílio em todo o meu processo formativo.

E à Prof.<sup>a</sup> Zila Graça, pela disponibilidade em ajudar na correção gramatical deste trabalho, por toda a sua competência demonstrada e pela sua amizade.

Amar a Deus sem fé é refletir sobre si  
mesmo, mas amar a Deus com fé é refletir  
no próprio Deus.

Søren Aabye Kierkegaard

## RESUMO

ESCOBAR, Lucas. **Kierkegaard e Temor e Tremor: uma aproximação filosófica ao conceito de Fé**. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2022.

Este trabalho monográfico se propôs a refletir a filosofia existencial de Søren Kierkegaard que trouxe questões bem centradas a respeito do indivíduo, que é considerada a categoria central do seu pensamento. Para isso, foi necessário primeiramente recorrer o caminho do contexto filosófico contemporâneo para compreender a filosofia do dinamarquês e seus desdobramentos acerca da existência. Nisso, em Kierkegaard, a existência trata especificamente da condição de ser do homem no mundo em que somente este tem consciência de sua existência, o que seria uma atribuição dada ao indivíduo para que a partir dela, ele tenha a capacidade de escolha mediante seus próprios conceitos. Será usada como base desta pesquisa a obra *Temor e Tremor* (1959) e o apoio de alguns comentadores. Desta forma, a problemática aqui proposta tem como eixo sobre como se dá a conceitualização de fé em Kierkegaard? Segundo a obra *Temor e Tremor* (1959), a fé está pautada na relação absoluta com o Absoluto. No que se originaria a ideia de cavaleiro da fé, onde o indivíduo (Abraão) realiza o duplo movimento da fé. Portanto, nesta finalidade, o indivíduo sendo participante daquilo que a fé provoca em sua vida, alcançará a sua plenitude existencial.

Palavras-chave: Fé. Absoluto. Kierkegaard. Paradoxo. Cavaleiro da fé.

## **ABSTRACT**

This monographic work proposed to reflect the existential philosophy of Søren Kierkegaard that brought questions well centered about the individual, which is considered the central category of his thought. For this, it was first necessary to go through the path of the contemporary philosophical context to understand the Dane's philosophy and its developments regarding existence. In this, in Kierkegaard, existence deals specifically with the condition of being of man in the world in which only he is aware of his existence, which would be an attribution given to the individual so that from it, he has the ability to choose through his own concepts. The work *Temor e Tremor* (1959) and the support of some commentators will be used as the basis of this research. In this way, the problem proposed here is based on how is the conceptualization of faith in Kierkegaard? According to the work *Temor e Tremor* (1959), faith is based on the absolute relationship with the Absolute. In what would originate the idea of knight of faith, where the individual (Abraham) performs the double movement of faith. Therefore, in this purpose, the Individual, being a participant in what faith provokes in his life, will reach his existential fullness.

Keywords: Faith. Absolute. Kierkegaard. Paradox. Knight of Faith.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2</b>	<b>KIERKEGAARD E SUA OBRA TEMOR E TREMOR</b> .....	11
2.1	JOHANNES DE SILENTIO: O PSEUDÔNIMO.....	12
2.2	O TÍTULO DA OBRA TEMOR E TREMOR E OS CONCEITOS: FÉ, ABSOLUTO, PARADOXO E CAVALEIRO DA FÉ.....	14
<b>3</b>	<b>A CATEGORIA CAVALEIRO DA FÉ</b> .....	20
3.1	A CARACTERIZAÇÃO DO CAVALEIRO DA FÉ.....	21
3.1.1	A figura do herói trágico.....	24
3.1.2	Uma comparação Maria com o cavaleiro da fé.....	26
<b>4</b>	<b>A CONCEITUALIZAÇÃO DE FÉ EM TEMOR E TREMOR</b> .....	30
4.1	O PARADOXO DA FÉ.....	32
4.2	A RELAÇÃO ABSOLUTA COM O ABSOLUTO.....	33
4.3	O DUPLO MOVIMENTO DA FÉ.....	35
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	38
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	40

## 1 INTRODUÇÃO

Søren Aabye Kierkegaard nasceu em Copenhague, aos 5 de maio de 1813. Dos anos 1830 a 1840 cursou teologia na Universidade da sua cidade natal. Em 1841, recebeu o título de mestre em filosofia por sua dissertação sobre o conceito de ironia frequentemente referido a Sócrates. O filósofo em pauta é um pensador que tinha a capacidade de envolver o conteúdo de suas obras com sua vida, assim confundindo-os. A sua filosofia ficou marcada pelos questionamentos acerca da existência humana. Um desses grandes questionamentos é o que sendo exposto neste trabalho, sobre a ideia de o homem adquirir uma condição plena mediante a sua fé. Dentro dessa perspectiva veremos que o ser humano vive em uma constante para conhecer a si mesmo, contudo, o filósofo ressalta que esse conhecer a si mesmo do ser humano só é possível plenamente dentro do movimento da fé.

A fé neste contexto se dá, não como mera crença, segundo Kierkegaard (1959), mas como motor principal da vida do sujeito. É interessante, que o filósofo utiliza muito da figura de Abraão para trazer a contexto esses problemas sobre o existir do ser humano. E considerando que a conceitualização de fé no período em que o filósofo coloca em discussão é levada de forma a ser deixada de lado e nisso prevalecer somente a objetividade, o ser humano cairia no desconhecimento de si mesmo.

O presente trabalho tem como objetivo principal mostrar de como podemos chegar a conceitualização de fé expressa por pelo filósofo. Assim, como se dá a conceitualização de fé em Kierkegaard através do personagem bíblico Abraão?

Primeiramente, apresentaremos um panorama contextual da vida do filósofo em questão com a sua obra, voltado para um método usado por ele de pseudônimos. Em seguida, expomos os conceitos de cavaleiro da fé e herói trágico, tendo como embasamento teórico complementar a obra principal alguns comentadores. E por fim, refletimos sobre o conceito kierkegaardiano de fé e seus desdobramentos.

Para uma construção de uma resposta, utilizaremos algumas obras para um desenvolvimento mais concreto: **Temor e Tremor** (1959) é a obra principal do autor selecionada para este trabalho. Por meio dela, serão aprofundados os conceitos de cavaleiro da fé, herói trágico, absoluto e fé. Além disso, a obra **História do existencialismo e da fenomenologia** (1975), de Thomas Ransom Giles, torna-se importante para obtermos um pensamento geral sobre como pode ser entendido os conceitos que a obra traz e sua relação com aquilo que o filósofo vem trabalhar nela.

Servirá como apoio para a compreensão do pensamento filosófico kierkegaardiano a obra **Kierkegaard** (2007), de Jorge Miranda de Almeida e Alvaro Valls. E tal obra tem como objetivo nos esclarecer os métodos utilizados pelo filósofo para expressar os conceitos trabalhados.

É possível observar que, de acordo com o estudo sobre a obra **Temor e Tremor** (1959) de Kierkegaard, que é utilizado por ele uma forma de pseudônimos. E nisto o filósofo utiliza a história da figura bíblica de Abraão, que sobre o qual fica debruçado todos os questionamentos.

Para o autor a vida de Abraão precisa de uma significância com relação aos seus sofrimentos existenciais a respeito da sua relação para com Deus. E mediante a isso, ele vai explicar através de problemas sobre como o personagem bíblico foi capaz de alcançar fé mediante a tantas conturbações em sua história. Ademais, como o personagem é elevado a uma categoria de cavaleiro da fé mediante a sua vida e caminhada terrena, e nessa categoria a relação absoluta com o Absoluto. No entanto, utilizando de uma comparação um pouco mais recente e utilizada pelo filósofo em sua obra, acrescentamos a figura de Maria mencionada no Novo Testamento. A fim de fazer uma comparação entre ela e Abraão nas suas disposições existenciais para com Deus.

Este trabalho monográfico utilizará como metodologia a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, que dará origem a um texto sobre a temática selecionada. E utilizaremos de alguns outros comentadores, os quais nos ajudaram ainda mais na compreensão do pensamento Kierkegaardiano.

A pesquisa será dividida da seguinte forma: na **primeira seção** será apresentado o contexto sobre o qual estão inseridos o filósofo e a sua forma de explicitar suas ideias. A **segunda seção** discorrerá sobre uma explanação dos conceitos referidos ao personagem bíblico Abraão. Na **última seção**, com base no pensamento e conceitos abordados, dissertamos sobre como se dá a conceitualização de fé, e os pontos que fazem um indivíduo chegar até ela.

## 2 KIERKEGAARD E SUA OBRA TEMOR E TREMOR

O cenário do século XIX, no qual nasceu Søren Aabye Kierkegaard, foi influenciado por grandes movimentos filosóficos, dentre eles, especialmente, o Iluminismo (séc. XVIII), que tinha como característica principal a confiança no poder ilimitado da razão, contrapondo-se às obscuridades medievais, ainda, em parte, persistentes na modernidade tardia. Uma das consequências desse movimento intelectual foi o racionalismo contemporâneo, fundamentado mais especificamente pela filosofia criticista de Kant. Essa nova vertente do racionalismo ajudou a constituir o canteiro epistemológico para o surgimento do Idealismo alemão, que pode ser considerado um tipo de intensificação das características modernas, como a ênfase no sujeito, a importância do conhecimento e o próprio racionalismo.

A filosofia de Kierkegaard surgiu, em grande parte, como crítica de uma das filosofias mais latentes da sua época, a de Friedrich Hegel (1770-1831), que utilizava de um sistema filosófico baseado apenas em abstrações e conceitualizações desligadas da existência concreta. Contrário a isso, Kierkegaard (1959) propõe uma filosofia que se basearia na vida individual, na ideia central de que cada um é o responsável direto pelo rumo da própria vida, e não a tradição, a consciência histórica, como era afirmado por Hegel. Importantes comentadores de Kierkegaard, como Jorge Miranda e Alvaro Valls, indicam no que consistiria o existir para o filósofo dinamarquês:

Existir é pôr a diferença entre ser e essência na concretização do indivíduo singular, sempre em devir, e se realiza como este indivíduo singular que constrói sua individualidade, opondo-se ao formalismo que nega ou reduz o existir a uma padronização da ordem estabelecida ou a uma generalidade (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 50).

Considerando a ótica de Kierkegaard, podemos perceber que sua filosofia não estava pautada nas ideias centrais que o movimento iluminista vinha trazendo sobre tirar a subjetividade da existência, porém utilizava de uma característica bem própria em algumas obras para fazer críticas bem fundamentadas aos pensamentos e discussões levantados naquele período. Ele não bastava em compreender que a condição de possibilidade para se explicar a existência de um Indivíduo<sup>1</sup> se dava de

---

<sup>1</sup> O termo Indivíduo segundo a ótica de Kierkegaard (1959) está dentro daquilo que o ser humano deve alcançar enquanto ser existente neste mundo. Ele é o ser marcado pela sua posição no mundo, ou na sua própria realidade, sempre de forma a obter um lugar fora daquele determinado por uma generalidade.

forma simples, pouco concreta e desconexa com a realidade. Pelo contrário, afirmava que era necessária uma análise profunda do objeto estudado, de forma a não o perder, ou seja, a encontrá-lo naquilo que ele realmente é, não necessariamente dependente das suas influências atuais e históricas. Dentre os questionamentos levantados no seu período histórico acerca da fé, surge a sua dialética, e com isso, vejamos o que o comentador Thomas Ransom Giles (1937-2009) ressalta:

A dialética kierkegaardiana procura seguir as sinuosidades das determinações decisivas de todo um conjunto da existência. É uma dialética instaurada para ir em direção daquilo que essencialmente a transcende. Noutras palavras, Kierkegaard faz tudo para arruinar a dialética como fim em si. Para ele a dialética é um instrumento que tem por finalidade procurar a verdade na realidade, distanciando-se de tudo o que é vazio e abstrato para ir em direção daquilo que é concreto e rico de conteúdo (GILES, 1975, p. 12).

No geral, a dialética vem trazer a ideia de fazer algo negativo vir a ser positivo de forma com que as coisas passem a ser verdadeiras dentro da experiência da realidade. Ela propicia, de forma existencial, que o indivíduo se aprofunde no conhecimento da sua existência. Logo, a ideia de um sistema que Hegel estabeleceu como fundamento para encontrar o ser perdido - que vem ser aquele necessitado de encontrar sentido na sua existência - se baseia numa dialética objetiva que, segundo Kierkegaard (1959), vai acabar fazendo desaparecer a própria realidade, ou seja, fazendo com que o ser seja privado às ideias objetivas. O filósofo dinamarquês, porém, vai utilizar do seu próprio entendimento da dialética subjetiva como forma de alcançar a plenitude do ser por si mesmo.

## 2.1 JOHANNES DE SILENTIO: O PSEUDÔNIMO

Johannes de Silentio é um dos pseudônimos que Kierkegaard utiliza para o texto que está elaborando, de forma a não permitir que os leitores façam uma identificação direta do autor do texto com ele. Durante sua obra *Temor e Tremor* 1959, o filósofo vai utilizar formas pseudonímias que o caracterizem de modo a não acometer seu pensamento diretamente com o que está se passando no mesmo período em que se é escrito. O contexto de sua época e produção foi bastante dificultado, pois a *persona* Kierkegaard se tratava de um filósofo responsável pelo percussão de um dos ideias mais abrangentes e presentes nas filosofia contemporânea, cujo nome ficou conhecido como existencialismo. Pelo fato do filósofo

se encontrar distante do eixo em que se tratavam questões sobre a existência, visto que ele era dinamarquês e todo o envolvimento sobre tais questionamentos aconteciam no arredores da Itália e Alemanha, passou-se a tomar posse dessas condições que permitisse apropriar-se de seus escritos de forma a nunca deixar claro qual era o pensamento do autor nas ideias elaboradas, chegando ao ponto de seus escritos tomarem o formato de contos e ensaios.

Os comentadores nos acrescentam nesta temática que:

Numa anotação dos *Diários*, diz que o objetivo da pseudonímia é ser um teatro vivaz da existência, pois cada personagem tem a capacidade de representar internamente os vários estádios dela, ainda oferecer ao leitor a possibilidade de olhar-se no espelho e confrontar-se consigo mesmo. Os pseudônimos têm caráter, psicologia própria, individualidade, numa crítica aos intelectuais que se esquecem de existir e só “pensam sobre” a existência (ALMEIDA e VALLS, 2007, p. 13, grifos dos autores).

Neste fragmento do texto de Almeida e Valls, podemos perceber como o pensamento de Kierkegaard, ao utilizar de pseudônimos, queria provocar no leitor uma reflexão a respeito da própria existência. Pois, ao criar o personagem com as suas características pensantes, mas que tivesse um caráter próprio, poderia assim expressar um determinado ponto de vista existencial que alcançasse a empatia do leitor, sem que este confundisse a situação do texto com a opinião ou visão particular do verdadeiro autor. Além disso, o forte tom existencial da pseudonímia permitiu a Kierkegaard esquivar-se de cair naquilo que criticava, isto é, de filosofar abstratamente sobre a vida. Isso é confirmado por uma afirmação no prólogo da obra **Temor e Tremor**: “O presente autor de nenhum modo é um filósofo” (KIERKEGAARD, 1959, p. 24). A tarefa de fazer com que o leitor se situe através de olhar-se no espelho, por meio de um pseudônimo, é de permitir com que aquele que se questiona sobre a sua existência e a problematiza possa encontrar, não um simples vazio, como no sistema hegeliano, mas a beleza da sua existência e o ponto axial onde está se origina e funda. Isso permite ao indivíduo aprofundar-se em si mesmo, de forma a tomar as suas decisões fundamentais de modo mais autônomo e livre, exercendo aquilo que deve ser: individualidade.

Johannes de Silentio pode ser descrito como um observador das problemáticas propostas na obra, haja visto o seu silêncio ao não expressar diretamente opiniões sobre as coisas, o que o caracteriza desta forma. A obra vem com um caráter diferente da que os outros filósofos vinham desenvolvendo naquela época, pois ao invés de

tentar explicitar temas de maneira simples e objetiva, leva o leitor ao entendimento necessário da tese que está sendo levantada. Nela podemos ver uma grande figura bíblica, Abraão, que é retratado sobre questionamentos acerca de sua relação com Deus e a sua fé como um princípio de existência. Interessante ressaltar que Johannes não é posto à prova como aquele que faz as coisas que são relacionadas à Abraão, mas como um observador e comentador, ou seja, alguém capaz de induzir o pensamento às reflexões sobre o existir.

A ideia de que nossa existência é marcada pela liberdade, de forma a decidirmos por nós mesmos qual será a tarefa do meu existir e como realizá-la, leva-nos a um conceito trabalhado por Kierkegaard (1959) chamado de angústia. Esse que faz com que qualquer tremor sobre o questionamento e a dúvida da sua própria existência venha ser característica de uma forma condicionante de um existir sem rumos e perspectivas.

A obra **Temor e Tremor**, por sua vez, tem uma estrutura de divisão bastante incomum, no qual Johannes de Silentio desenvolve conceitos importantíssimos à visão de Kierkegaard sobre o cristianismo, como o de fé, paradoxo, absurdo e a categoria de cavaleiro da fé, os quais são trabalhados e explicitados ao longo do conjunto da sua obra.

## 2.2 O TÍTULO DA OBRA TEMOR E TREMOR E OS CONCEITOS DE FÉ, ABSOLUTO, PARADOXO E CAVALEIRO DA FÉ

No contexto da obra, observa-se que a figura de Abraão tem o foco principal. A ideia geral do livro baseia-se no sacrifício que Abraão precisa fazer de seu próprio filho, Isaac, a Deus. Esse drama é relatado no contexto bíblico do Antigo Testamento. A história desse personagem bíblico é recontada de forma problemática por meio da exploração imaginária dos detalhes que estariam envolvidos na preparação de Abraão para o sacrifício. Johannes quer explorar as conclusões sobre a dialética presente no paradoxo que caracteriza a fé, capaz de fazer com que um crime - assassinio do próprio filho - se tornasse algo santo e louvável. Emerge, neste ponto, a ideia de absurdo, quando se permite o rompimento com a concepção universal da sociedade geral e o indivíduo se encontra acima do geral.

A fim de aprofundar-nos um pouco mais, o que significaria **tremor** e **temer** segundo o título da obra? A palavra tremor tem como significado aquilo que vem por

nos assustar, a exceder nosso querer e o nosso saber, já a palavra temor está dentro do encorajamento do indivíduo ao perceber a divindade de Deus. Ademais, que tenha sido um título que possivelmente foi extraído de um contexto bíblico em que Paulo de Tarso utiliza desses termos: “Fraco e tremendo de medo, apresentei-me a vós” (1Cor 2, 3), onde comparando com aquilo que é explanado na obra (1959), reflete à figura de Abraão. Nesta carta à comunidade de Corinto, Paulo traz à luz a experiência de Moisés e Jeremias com o próprio Deus. Assim, assume-se nesse contexto uma decisão e escolha diante de Deus. Temor e tremor nesse caminho significam o processo do encontro que o indivíduo faz para tornar-se indivíduo singular diante de Deus como uma consequência da relação com ele: uma relação absoluta com o Absoluto, que subordina todas as outras na existência Assim, a vontade de Deus deve sempre prevalecer. Esse é o ponto crítico da obra.

Podemos perceber, dentre todas as nuances que o texto nos propõe a refletir sobre a existência, que o principal conceito trabalhado é o de fé:

A nova filosofia permitiu-se substituir, pura e simplesmente, o imediato da «fé». Quando se age desta maneira é ridículo negar que a fé existiu sempre. Assim entra na companhia bastante vulgar, do sentimento, do humor [...] etc. Neste sentido a filosofia pode ter razão ao afirmar que não é necessário recorrer à fé. Mas nada a autoriza a tomar as palavras nesta acepção. A fé é precedida de um movimento infinito; é somente então que ela aparece, *nec inopinate*, em virtude do absurdo (KIERKEGAARD, 1959, p. 123-124, grifos do autor).

Johannes de Silentio traz à luz um dos conceitos mais questionados no século XIX. A fé segundo o conceito filosófico de Kierkegaard (1959), está muito além daquilo que concerne meramente ao mundo sensível, identificando-se com o que pode levar o indivíduo à transcendência de si mesmo.

A leitura de Temor e tremor permite inferir que “a fé nunca será uma posição conquistada de uma vez para sempre” (GILES, 1975, p. 24). Ela se caracteriza por uma luta constante, uma atitude que deve ser sempre reafirmada pelo sujeito. Além disso, ela “tem por particularidade dispensar todas as formas de mediação universal” (GILES, 1975, p. 24), pondo, inarredavelmente, o indivíduo singular no centro de sua própria existência finita. Trata-se de um movimento existencial que deve ser operado com total confiança no Absoluto, porém, em temor e tremor. Esse movimento é ilustrado na obra em questão por Abraão, reverenciado pelos monoteístas (judeus,



cristãos e mulçumanos) como o pai da fé. Por isso Abraão é escolhido por Kierkegaard como performado e modelo da fé. Ele é convidado a realizar na sua existência a dispensa dos preceitos gerais que caracterizam a comunidade da época, em prol de um valor maior: a exigência do Absoluto - de Deus. O que lhe é pedido é o sacrifício de seu filho único, do que surge o questionamento do ante as demandas normativas da comunidade local de Abraão. Com isso, numa conceitualização básica sobre tal, entende-se que a fé parte da resignação infinita. Onde a resignação infinita seria é um movimento que o indivíduo perante as dificuldades e nuances de sua vida, resigna-se infinitamente, de forma a não cair na angústia. Mediante a isso, a fé nos é apresentada como um paradoxo, sobre o qual o indivíduo precisa se resignar aos ocorridos da sua própria vida.

Contudo, a resignação infinita, segundo Johannes, não é ainda fé. Falta-lhe o mais característico desta: a dimensão paradoxal. E consegue-se perceber que o termo paradoxo é enfaticamente apresentado por Johannes. Isso se justifica por este conceito ser trabalhado de forma a trazer uma melhor compreensão da motivação incomum da atitude de um indivíduo perante as expectativas ordinárias do geral. Na sua etimologia, o prefixo **para** quer dizer contrário a, ou oposto a; já o sufixo **doxo** quer dizer opinião. Literalmente, significa, portanto, uma opinião ou perspectiva paralela à comum ou à esperada. Tecnicamente, o paradoxo pertence ao campo da lógica, seja em sentido lato ou estrito. Nesse caso, trata-se de uma ideia lógica que transmite uma mensagem que contradiz a sua estrutura. É o que acontece com o conceito sartreano de liberdade, por exemplo. Ele chega a afirmar que “o homem está condenado a ser livre”(SARTRE, 1973, p. 15). Contudo, Kierkegaard (1959) utiliza o termo paradoxo em Temor e tremor como uma relação entre o indivíduo existente e aquilo que é a verdade eterna de Deus - o Absoluto. O indivíduo precisa confiar nessa verdade, sendo capaz de abrir mão de tudo, crendo que, por mais absurdo ou impossível que seja, recuperará tudo pelo poder e pela fidelidade divinos (KIERKEGAARD, 1959). Assim, vemos que o termo está relacionado diretamente com a fé, sendo que a “fé é um paradoxo que não pode ser reduzido a qualquer raciocínio, pois ela principia exatamente lá onde termina a razão” (GILES, 1975, p. 28).

Na intenção de apresentar os conceitos centrais da obra Temor e Tremor, deparamo-nos com o principal: a ideia de **Absoluto**. Durante o correr do texto, Johannes de Silentio observa a vida de Abraão sob o olhar da fé, voltado para a reflexão daquilo que o pai da fé foi convocado a fazer. Nesse caso, temos uma relação

capaz de distinguir aquilo que se caracteriza como mero querer humano, enquanto tendência a se cumprir a própria vontade, da vontade de um ser transcendente expressa por meio de um pedido extraordinário, sem justificativa no geral social. A partir da observação aprofundada de Johannes, podemos perceber como funciona a relação que é estabelecida entre o Indivíduo e o Absoluto, por intermédio da fé, onde se dá a “relação absoluta com o Absoluto” (ROOS, 2014, p. 350). Ao abandonar Isaac, seu filho, nós percebemos que Abraão não está simplesmente indo ao cumprimento do seu dever para com o Absoluto, mas está deixando algo para trás, aquilo que é característico de um ser humano, seu dever moral, que concretiza a ligação do indivíduo com a comunidade no nível mais profundo. O que alimenta esse dever está de acordo com a relação que é estabelecida por intermédio da fé?

Se analisarmos sob um contexto ético-moral, aquilo que foi pedido por Deus para que Abraão fizesse, este que é considerado o pai da fé, ele está infringindo aquilo que é exigido pela dimensão moral do ser humano: sua ação sacrificial vai contra o cumprimento de seu dever como pai – a figura protetora de seu filho – de Isaac. Logo, não podemos pensar que a fé seja dada de forma errada, mas a fim de compreendermos sobre como a fé se torna um caráter decisivo dessa moralidade, vemos que a ela “não é o abandono da finitude, da realidade concreta e temporal” (ROOS, 2014, p. 351), pois não é um fator de divisão dentro do ser humano, mas algo para integrá-lo de forma plena. Como podemos verificar:

A fé, pois, afirma uma realidade [...] Na dimensão da fé o caminho que leva à verdade não consiste tanto em conduzir o Indivíduo à fruição de algo que já está dentro dele, de algo que já possui. Pelo contrário, consiste em ser criado de novo para unir-se à verdade (GILES, 1975, p. 25).

Logo, a fé nesta relação do Absoluto com o Indivíduo, não é um objeto de negação, mas de ressignificação da existência humana como um todo dentro da finitude do ser e sua temporalidade. Pode-se constatar, também, uma forma de considerar a que o Absoluto está relacionado. Muitas vezes, ele é referenciado como a ideia de absurdo, que está relacionado nas condições improváveis que a fé é capaz de desenvolver e colocar o Indivíduo mediante as suas próprias convicções e processos. Haja vista que o Indivíduo, por se tratar de uma pessoa com a sua garantia de liberdade, que segundo Kierkegaard (1959), seria a determinação para seu contexto filosófico, tem sobre si essa influência decorrente do absurdo como fator de

decisão. “O absurdo consiste em que Deus, pedindo-lhe o sacrifício, devia revogar a sua exigência no instante seguinte” (KIERKEGAARD, 1959, p. 64). Isso não significa que a fé, expressa no cotidiano dos indivíduos, tenha constantes demandas absurdas. Com o exemplo do sacrifício de Isaac, Kierkegaard quer ilustrar a forma fundamental da fé: considerar a relação com Deus como aquela acima de todas as outras e, por conseguinte, a que tem a primazia sobre qualquer demanda da finitude. Importa, assim, a consciência da natureza dessa relação por parte do indivíduo e a disposição de abrir mão da finitude em prol dessa relação, caso seja demandado.

Dentre os conceitos já apresentados, citamos uma categoria que pode ser considerada como aquela que realiza o equilíbrio da dialética kierkegaardiana entre fé e razão, o **cavaleiro da fé**. O filósofo trata desta categoria, compreendendo-a de forma paradoxal, isto é, do indivíduo com o próprio absoluto, onde o homem se encontra numa relação de amor e proximidade no pleno cumprimento da vontade divina.

A relação que o Absoluto estabelece com a condição do indivíduo Abraão, não se dá como simples cumprimento da sua vontade eterna, visto que a tentativa d’Ele é sempre educar seus filhos para uma condição na qual devem estar predestinados a viver, como afirmam os comentadores Almeida e Valls: “A relação com Deus constitui a educação, e Deus é o educador” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 47). Assim, por sua vez, é constituída uma condição que é a do reconhecimento da necessidade do Absoluto. A ênfase da educação está na realização do sujeito como indivíduo. Ou seja, a figura divina está sendo refletida à forma sobre como conduz o sujeito à sua realização como indivíduo próprio. Contudo, isso não declararia uma superioridade divina sobre o próprio ser.

Em sua obra, fica clara a discrepância entre os significados da ideia de cavaleiro da fé e o herói trágico, que apenas por significação, é aquele indivíduo que não cumpre as condições que a relação com o Absoluto implica na sua vida. Em contrapartida, o que define um cavaleiro é a coragem pela causa de um ser transcendente a sua existência, mesmo que isso implique estar contra as ideias do geral, da sociedade.

A ideia que o filósofo expõe a respeito do cavaleiro da fé vai ao encontro daquela do indivíduo. Pois, ele é aquele que tem a necessidade de se tornar, de fato, um indivíduo, visto que, na noção de indivíduo há uma necessidade de se tornar algo, como uma primícia da sua existência, ou seja, de se realizar como existente. Devido

à importância do tema, é sobre a noção de cavaleiro da fé que continuaremos a discorrer na próxima seção.

### 3 A CATEGORIA CAVALEIRO DA FÉ

Para enfatizar determinada qualificação existencial, Kierkegaard usa uma técnica de personificação, isto é, em vez de simplesmente desenvolver um tema ou conceito relacionado à existência, ele apresenta um personagem significativo com o papel de representar de modo vivo esse elemento. O filósofo, embora pareça confuso ao explicitar as questões que vem a abordar, não tem a pretensão de fazer com que aquele seu leitor simplesmente fique sem o entendimento daquilo que ele apresenta na obra. As conceitualizações trabalhadas de modo complexo em **Temor e Tremor** visam a provocar e levar o leitor a uma reflexão profunda sobre os temas que serão abordados.

É sabido que tal obra nos oferece uma especulação existencial ampla a respeito da história de Abraão como relatado no texto bíblico, com ênfase na ideia do sacrifício de seu filho Isaac. Contudo, pode-se observar que a reflexão vai além daquilo que é proposto pela própria ideia de Abraão realizar tal movimento de sacrifício. Onde poderia dizer que “Abraão realizou o salto, o que o levou a se tornar ‘o eleito de Deus’ e a operar a transformação e recuperação do finito ‘de forma a não perdê-lo, mas a ganhá-lo constantemente’” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 44 grifos dos autores).

O sacrifício de seu filho leva uma consideração sobre como pode ser entendida a relação que se estabelece com Deus, que Kierkegaard (1959), referenciará como Absoluto. De modo geral e partindo de uma observação fora da perspectiva da fé judaico-cristã, ocorre o entendimento que Abraão falharia para com a moralidade local estabelecida socialmente, ou seja, não seria um cumpridor daquilo que estava proposto como lei ou justiça daquele contexto. Ressalte-se que aquele que poderia ser chamado Pai da Fé não deveria ser caracterizado como descumpridor do dever moral e assassino, muito menos do próprio filho..

Para que consigamos compreender o sentido mais preciso da categoria **Cavaleiro da Fé apresentada por Kierkegaard**, é necessário compreendermos o que caracteriza essa personagem central, tendo em vista o que é trabalhado pelo filósofo na obra. Importa notar que aquilo que é caracterizado como obediência não está na determinação simples de obedecer como conhecemos comumente. O fundamento de tal obediência é a liberdade de poder escolher aquilo que se considera mais digno da existência e cujas consequências sejam mais benéficas para si e para

os outros. Liberdade essa que pode ser aquela capaz de definir se realiza ou não o duplo movimento de confiar em Deus, entregando tudo a Ele, num ato de **resignação infinita**, e noutro de retomar, na **fé**, tudo o que pode ser perdido no primeiro movimento (Kierkegaard, 1959). Essa obediência no dever, que se diria para com Deus, é uma condição de relação, marcada pela fé, com o próprio Absoluto.

“Abraão trazia a ambiguidade em sua natureza: por um lado, era um homem comum, como todos os homens, mas por outro lado, afastava-se do geral, tornando-se um dos mais conhecidos personagens bíblicos” (PEREIRA, 2018, p. 48). Pois bem, dessa forma, nesse movimento de afastar-se do geral surge a sua principal característica de resignação. Ou seja, Pereira (2018) quer mostrar que o afastar-se do geral significa a capacidade que Abraão tem de, através do paradoxo que a fé se faz, conseguir dar outra significação. Nisso leva-se em conta aquilo que o paradoxo tem por significado, a relação de Abraão com o considerado verdade eterna, o Absoluto. E nessa capacidade que ele tem, percebe-se o principal aspecto que o faz ser o pai da fé.

Essa a capacidade que Abraão tem de ser o pai da fé, não descartaria a possibilidade de que ele não agisse de acordo com o que lhe era proposto, haja visto que ele foi um indivíduo com características de qualquer outro. Contudo, a resignação que lhe é ponto chave de sua existência, faz-se principal na sua relação com o ser Absoluto, de forma a aproximar-se do mesmo. Dentro dessa ideia de Abraão ser o pai da fé, conforme nominado por Kierkegaard (1959), há uma forma contrária de se pensar sobre um indivíduo que não tivesse a capacidade de resignar-se, esse indivíduo é dado como herói trágico. Segundo Kierkegaard, para melhor compreender o que é um cavaleiro da fé é necessário compreender primeiro o que é o que ele chama de herói trágico. Ambos têm em comum a existência heroica. Contudo, este permanece na resignação infinita, daí o caráter trágico, enquanto o cavaleiro prossegue na fé de que para o Absoluto tudo é possível, mesmo que pela força do Absurdo (Kierkegaard, 1959).

### 3.1 A CARACTERIZAÇÃO DO CAVALEIRO DA FÉ

O cavaleiro da fé é uma das condições para que o indivíduo alcance a plenitude existencial. Esse caminho de vida faz parte da relação entre o Absoluto e o indivíduo, como no caso de Abraão. Como já foi explanado sobre a ideia do pai da fé, vejamos

agora as categorias de **cavaleiro da fé** e **herói trágico**, que trazem consigo uma interpretação de como se pode compreender aquilo que era exigido de Abraão na sua complexidade de busca de sentido enquanto indivíduo. Para que consigamos entender um pouco mais sobre esse dilema, é necessário que visitemos também como é essa relação dele com a existência, pois a personificação da fé está ligada diretamente com a forma de viver do indivíduo. Observemos o que nos acrescenta o filósofo:

[...] o indivíduo é superior ao geral, de maneira que, para recordar uma distinção dogmática hoje já raramente usada, o indivíduo determina a sua relação com o geral tomando como referência o absoluto, e não a relação do absoluto em referência ao geral. Pode ainda reformular-se o paradoxo dizendo que há um dever absoluto para com Deus; porque, nesse dever, o indivíduo se refere como tal absolutamente ao absoluto (KIERKEGAARD, 1959, p. 124).

Observa-se aqui a capacidade que o indivíduo tem de ser superior ao geral, é onde ele se autodetermina como o construtor da sua própria existência, de forma a não ser dependente de condições gerais que já lhe são propostas. Partindo da ideia de que o indivíduo venha estar acima do geral e numa relação absoluta com o absoluto, não pode ser descartado que a sua liberdade não está privada, ou seja, fica aberto ao indivíduo investigar e fazer a escolha que lhe é mais coerente.

A questão existencial, especialmente quando se refere ao indivíduo, quase sempre foi tratada na filosofia sem o aprofundamento necessário, o qual permite refletir e entender melhor o objeto de estudo. Na filosofia de Kierkegaard (1959), diferentemente, podemos ver de forma essa preocupação, sobretudo quando se opõe à filosofia de Hegel de forma crítica.

Os enfoques dados por Kierkegaard (1959) remetem à necessidade que o indivíduo Abraão tinha de se encontrar. Apesar de ser considerado uma referência bíblico-religiosa, ele tinha, como todos os outros indivíduos, suas questões existenciais; mas tais questões não seriam capazes de fazê-lo retroceder na grandeza da fé que já havia assumido. Abraão, contudo, não deve ser entendido como uma figura que simplesmente rompe com a moralidade por negligência ou simples rebeldia. Isso não configuraria um heroísmo que o colocaria dentro da categoria de cavaleiro da fé. O rompimento com a moralidade, tratada pelo filósofo, que Abraão vem a realizar, é característico daquele primeiro movimento realizado por ele de resignar-se. Afinal, ele rompe com o dever social não para obter vantagem egoísta, como seria o

caso de um furto, nem para realizar um desejo perverso, senão Isaac teria sido morto de fato. Ele rompe para cumprir um pedido daquele que está acima de qualquer outra demanda e condição: o Deus Absoluto, a quem tudo pertence, que tudo criou e que tudo pode realizar.

Pode ser comum olhar a figura de pai da fé que Abraão expressa, e ver nela como ele teve essa capacidade de não se deixar abandonar na moral, pois chegaria a ser controverso pensar que a fé seria capaz de provocar um movimento como esse num indivíduo. Haja vista que não se esperaria de um ser Absoluto a Abraão um pedido como lhe foi feito. Contudo, aquilo que Deus pediu não era de forma a constatar a sua fé como uma simples prova, já que Ele, por ser o Todo-poderoso, sabe de antemão se o indivíduo tem fé ou não. Trata-se, pois, de uma condição que daria a Abraão a liberdade de ser ele mesmo, e não uma réplica social, por meio de uma escolha dentro das suas condições individuais. Mas de onde vem essa capacidade de ser cavaleiro da fé com todas as atribuições que lhe são próprias?

No indivíduo é possível observar que uma de suas capacidades é a da resignação infinita, sobre o qual vem a figura de Abraão a usufruir e tornar-se cavaleiro da fé. Esta condição diz sobre uma dominância daquilo que se está enfrentando, onde o indivíduo não se encontra perdido nesse meio, mas ancorado sobre o seu próprio eu; um eu, porém, alicerçado na relação absoluta com o Absoluto. E é nesse ponto que se eleva a capacidade de tornar-se um cavaleiro da fé, de forma que só depende do próprio indivíduo a atribuição de se fazer pronto a participar da sua própria formação, e não de deixar ser induzido e formado única e exclusivamente pelas categorias do geral social. No que, desta forma a “história de Abraão comporta uma suspensão teleológica da moral” (KIERKEGAARD, 1959, p. 118).

É inclusive nesse ponto que se encontra aquilo que o filósofo veio a chamar de **absurdo**; pois é absurdo que o indivíduo esteja sobre o geral, ao qual, em certa medida, ele pertence e se submete. Ao usar o termo absurdo, o filósofo dinamarquês traz a ideia daquela ordem dada por Deus à Abraão. Pois para Abraão, foi necessário crer no absurdo. Mesmo que Isaac viesse a ser morto, o pai da fé confiara que seu filho seria trazido de volta nesta vida. No que significaria ser um querer absurdo.

Dessa maneira, destacamos o que o filósofo nos apresenta:

Os cavaleiros do infinito são bailarinos a quem não faltam elevação. Saltam no ar e logo voltam a cair, o que não deixa de constituir passatempo divertido e nada desagradável à vista. [...] Por instantes vacilam indecisos, o que logo



mostra que são estranhos ao mundo. [...] basta observá-los no momento em que tocam e se firmam no solo, é então que se reconhecem. Voltar, porém, a cair de tal modo que se dá impressão de êxtase e da marcha ao mesmo tempo; transformar em andamento normal o salto, exprimir o impulso sublime num passo terreno, eis o único prodígio de que só é capaz o cavaleiro da fé (KIERKEGAARD, 1959, p. 73).

Vimos nesse trecho como é entendida a relação entre o cavaleiro do infinito e o cavaleiro da fé em seus movimentos de resignação infinita, ou entrega da finitude. Johannes de Silentio (Kierkegaard) apresenta uma observação metafórica do movimento existencial de ambos, destacando que a diferença entre eles pode ser notada pela discricção. Enquanto o cavaleiro do infinito ou da resignação infinita parece estranho ao mundo, chama atenção para o trágico em sua vida, o cavaleiro da fé faz o salto como se fosse uma marcha em frente, um “andamento normal”. Este cavaleiro não parece estranho ao mundo, ainda que a exigência sobre ele seja paradoxal e absurda: “prodígio de que só é capaz o cavaleiro da fé.” Tendo em vista que a sua constituição se dá pela sua decisão de libertar-se de amarras e assim fazer-se livre, a fé nesse momento pode ser entendida como uma liberdade concedida àqueles que se fazem necessários dela. O autor parece querer enfatizar que a fé se apresenta como normalidade, acontece na discricção do cotidiano. O ponto central encontra-se na confiança depositada no Absoluto, e não na força heroica da resignação.

De todo modo, podemos entender que a resignação infinita também caracteriza o cavaleiro da fé, pois está como impulso para o início desse movimento feito pelo indivíduo. Com isso, para melhor compreensão da figura do cavaleiro da fé, que é a central em Temor e Tremor, é, portanto, necessário um esclarecimento mais detalhado sobre aquilo que é, em certa medida, seu contraponto dialético: o herói trágico.

### **3.1.1 A figura do herói trágico**

Podemos introduzir sobre esse personagem kierkegaardiano partindo da ideia de que ele se configura dentro do conceito de resignação. É notório que esse conceito parte de um movimento que pode prover a fé de um indivíduo. Nisso, o que poderia acontecer para que algum indivíduo fosse comparado com um herói trágico? É interessante perceber, inicialmente, sobre essa figura, que existem duas formas de resignação, a finita e a infinita. Contudo, ele está sendo relacionado com a infinita

mediante a uma qualidade adquirida, que o coloca a dispor de uma comparação no próprio caso de Abraão. Esse personagem bíblico, ao ser observado com a **possibilidade** de ser considerado um herói trágico, permite-nos perceber uma distinção essencial que o coloca num outro patamar, aquele do Cavaleiro da Fé.

Dentro do movimento da resignação infinita há uma **consequência** que chamamos de esperança. Após a passagem pelo movimento da resignação é necessário avançar para a próxima etapa que ressalta o próprio Abraão, onde se originaria a fé. É a esperança de poder retomar aquilo de que se resignou que indica a superação da pura resignação. Mas a esperança do cavaleiro da fé é qualificada pela confiança no poder supremo e benevolente do Absoluto. Numa questão como essa poderia se pensar o seguinte: um indivíduo cujo nome não sabemos passa por um acontecimento onde lhe é exigida uma resignação sobre aquilo, com isso é exigido dele a realização desse movimento que chamamos de resignação infinita, e após a realização fica como se fosse um vazio existencial, pois após resignar-se mediante àquela coisa, faltaria a ele o encontro com a esperança que se dá através da fé. Voltando, então, à comparação com Abraão, seria como se o pai da fé, ao se encaminhar para o sacrifício de seu filho, não tivesse esperança no retorno para com ele. Essa esperança e esse amor se dão neste tempo e nesta corporeidade, não sobre uma característica transcendental do próprio indivíduo (tendo em conta que o indivíduo seja de característica imanente), mas sim pela sua própria fé na relação absoluta com o Absoluto.

Assim, ressaltamos ainda mais a distinção entre uma e outra figura:

O herói trágico converte também num ponto decisivo a moral que superou teleologicamente; mas encontrou a este respeito um apoio no geral [...] o herói trágico pode, em certo sentido, pedir socorro ao geral, mas o cavaleiro da fé está só em todos os momentos. O herói trágico realiza essa concentração e encontra o repouso no geral, o cavaleiro da fé depende um esforço constante (KIERKEGAARD, 1959, p. 139).

O filósofo não utiliza de outra figura bíblica proeminente para referir-se ao herói trágico, porém usa de alguns personagens gregos clássicos, como Agamemnon, no contexto do sacrifício de sua filha Ifigênia, onde ele precisou renunciar de forma que pudesse sacrificá-la (2Sm 13, 1-21). Mediante esse fato relatado pelo filósofo, qual a diferença de Abraão para Agamemnon no sentido de, respectivamente, um ser o cavaleiro da fé e o outro o herói trágico?

Faz-se necessário entender a particularidade de cada uma dessas expressões existenciais, pois isso é fundamental para se ter uma compreensão sólida sobre a diferença entre ambas. No caso do cavaleiro da fé, é possível notar que ele faz o mesmo movimento inicial do herói, e, após esse movimento, o cavaleiro utiliza da fé como forma de esperar-se sobre a sua confiança absoluta no Absoluto. Já o herói trágico utiliza da resignação infinita, porém, não consegue estabelecer uma relação com a fé de forma a confiar no absoluto, pois, para ele, o seu apoio restringe-se ao geral. O geral ou comunitário é para o herói trágico como uma base para sua permanência, poderia então ser comparada como uma maneira cega de - com base no que já falamos - não se permitir estabelecer essa conexão feita através da fé com o Absoluto, de forma que exercer o movimento não se dá pela sua ligação com o transcendente, mas pelo simples fato de realizar o seu dever superior em sua situação. Em termos práticos, o herói trágico tem seu consolo no seu reconhecimento, apoia pela coletividade, de que se sacrificou em prol de um bem maior, um bem para seu povo.

Além disso, importa compreender que o herói trágico é um indivíduo cuja capacidade de resignar-se se faz válida apenas ante aquilo que é momentâneo, eventual, fazendo com que a sua vida e existência seja pautada num simples resignar de momentos. E o seu apoio no geral e a forma como conduz as decisões que lhe são demandadas, indicam que ele lança mão de meios já estabelecidos pelo geral. É preciso ressaltar que o objetivo de Kierkegaard, ao apresentar como personagem principal de sua obra um dito cavaleiro da fé, consiste em indicar ao leitor como a fé se dá na concretude da existência. Desse modo, o leitor é provocado a repensar sua condição de fiel: se quem tem fé (judeus, cristãos e muçumanos) é filho(a) de Abraão, então precisa executar existencialmente o mesmo duplo que o pai fez. Do contrário, não seria fé, mas, no melhor dos casos, uma resignação infinita. Se esta última condição, marcadamente exigente, ainda não é fé, podemos inferir que as atitudes inferiores a ela de modo algum o são.

### **3.1.2 Uma comparação de Maria com o cavaleiro da fé**

No discorrer do pensamento de kierkegaardiano em Temor e tremor, foi possível perceber que a conceitualização de cavaleiro da fé ia além do tenso olhar voltado para o pai da fé (Abraão). A figura desse homem, constituído por Deus como

aquele que teria uma geração numerosa, nunca foi, segundo Kierkegaard, adequadamente abordada a partir de seu drama existencial com a exigência divina que lhe fora imposta. Da mesma forma, há outra personagem, dessa vez no Novo Testamento, que foi referida por Kierkegaard como aquela cujos ideais e atitudes são parecidos, senão iguais, aos de Abraão, ousando até de nossa parte de a chamarmos de amazona da fé. A esta mulher sobre a qual muitos olhos se voltaram e se voltam com admiração ou grandes questionamentos, é Maria, mãe de Jesus, o Cristo para os cristãos.

Estrategicamente, Maria foi escolhida por Kierkegaard para um paralelo conceitual com Abraão, pelo fato de, ao mesmo tempo em que é admirada por muitos por sua vida e atitude para com Deus, também não é encarada na profundidade de suas motivações existenciais. Sua vida não foi de se mostrar como uma vida fácil, mediante as renúncias que lhe foram propostas. Desde o dado momento em que toma destaque com o anúncio do seu filho que viria a ser o redentor do mundo, a vida de Maria mudou-se completamente. Antes do anúncio, Maria era uma jovem de aproximadamente 14 anos com uma vida pacata, em que esperava o momento certo para se casar com seu noivo, José, e ter ali seu matrimônio abençoado segundo as graças de Deus. Isso, como qualquer cidadã de sua época e nação.

Porém sua vida revirou-se ao receber o anúncio do filho de Deus, Jesus Cristo. Uma demanda extraordinária e absurda põe-se sobre a vida dela. Num primeiro momento, Maria, ao aceitar este chamado de Deus, sofreria de uma angústia existencial, motivada pela dificuldade de como ela iria revelar a todos da sua comunidade local que estava grávida sem ainda ter-se casado. E como justificar a gravidez a seu futuro esposo? Maria seria uma adúltera? O castigo da época para esse crime/pecado era pena de morte (KIERKEGAARD, 1959). Sem garantias objetivas (imanentes) de que escaparia, ela assumiu uma missão dada por Deus, confiando em Sua palavra e Seu amor. Correu riscos reais em prol de uma demanda divina: isso caracteriza a fé. Essa angústia acompanhada pela esperança na fidelidade divina seria o que podemos assumir como a maior referência em sua vida para compará-la com Abraão. Além disso, ambos vivenciaram discretamente as angústias e as glórias proporcionadas exclusivamente pela fé.

O movimento da resignação estava presente na vida de Maria na totalidade que ela foi de entrega a Deus e “essa convicção enobrece-lhe o ser, sem dúvida, concedendo-lhe uma grandeza sobrenatural” (KIERKEGAARD, 1959, p. 84). A

nobreza de sua vida não se faz pela simples ideia de como cumpriu a vontade de Deus. Maria sofreu! Não por aceitar esse chamado que lhe era feito, mas pelas consequências que ele geraria. Podemos observar que, aquilo que chamamos de resignação se encaixa perfeitamente com a vida dela. Ela precisou passar, inicialmente, pela aprovação daqueles em que convivia, inclusive de seu futuro esposo, para enfim alcançar o seu propósito existencial. A sua gravidez não foi diferente da de outras mulheres, mesmo que agraciada por Deus, e isso nos mostra que ela tinha suas questões e condições existenciais como todas as outras. Mas, o que a faz diferente das demais mulheres daquela época? Uma melhor explicação da situação concreta de Maria pode esclarecer essa questão. Ribolla (1991) tem a nos acrescentar o seguinte:

Maria sabe que está grávida. Percebe que o noivo, José, estará percebendo a situação. Imaginemos o sofrimento de Maria, vendo o bom José naquela perplexidade angustiante, sem saber realmente o que aconteceu. Falar a José? Falar o quê? Que Deus, um anjo, lhe aparecera e ela ficou grávida pela ação do Espírito Santo?... O fato era inaudito, nunca acontecido, e tal explicação passaria por infantil. Imaginemos as críticas (RIBOLLA, 1991, p. 30).

Percebemos que, como disse Ribolla (1991), Maria estava angustiada, estava presa de forma a não entender sobre como prosseguir. Entretanto, baseada na fé, mostra-se como aquela que nomeamos amazona da fé. Maria resiste aos sofrimentos! Por essa condição entendemos como um salto qualitativo que ela realiza para encontrar-se mediante a angústia que vinha sofrendo. Ela, como fez o cavaleiro da fé, coloca-se como indivíduo relacionado ao Absoluto, sobre a universalidade e o geral. Este salto é aquele característico de quem se abre a realizar o movimento de resignar-se ao infinito e confiar na resposta amorosa e fiel do Deus Absoluto.

A partir deste salto, Maria, passa de ser aquela que foi afetada pela tribulação que lhe fora posta pelo seu meio social, a que foi capaz de transformá-la em forma de chegar ao Absoluto como uma amazona da fé. A partir daí, ela não é mais uma mulher como as outras, pois descobre o movimento que lhe garante a liberdade e a eleva para mais intimidade com o Absoluto.

Portanto, Kierkegaard (1959) a define um pouco além daquilo que Abraão fez, pois, “semelhante conduta é muito louvável e, com essa jovem, podem-se aprender muitas coisas, excepto uma: a arte dos movimentos; porque a sua convicção não ousa olhar de frente a impossibilidade nem aceitar a dor da resignação” (KIERKEGAARD,

1959, p. 84-85). Ela, então, rompe de forma definitiva com tudo aquilo que era considerado em seu período como normal. Maria é, então, possuidora do espírito de liberdade e tem uma energia pujante, de forma a deixar-se levar apenas pelo Absoluto que é Deus. Como podemos observar segundo o que ressalta o filósofo:

Ela não é, de maneira alguma, uma formosa dama que brinca com um deus menino [...]. Apesar disso, quando diz: «sou a serva do Senhor», ela é grande e imagino que não deve ser difícil explicar porque razão se tornou mãe de Deus. Não precisa, absolutamente de nada, da admiração do mundo, tal como Abraão não necessita de lágrimas, porque nem ela foi uma heroína, nem ele foi um herói. E não se tornaram grandes por terem escapado à tribulação, ao desespero e ao paradoxo, mas precisamente porque sofreram tudo isso (KIERKEGAARD, 1959, p. 116-119 grifo do autor).

Maria não precisa do reconhecimento de ninguém, pois estabelece uma relação absoluta com Deus. Ela realiza o salto qualitativo e alcança aquilo que chamamos de fé por meio de um segundo movimento, como já mencionado, baseado naquilo que entendemos como esperança. Esperança no que, se para a ela sua vida estaria baseada no cumprimento pleno da vontade de Deus?

Para que se plenifique a sua existência enquanto aquela que se põe como indivíduo além das concepções gerais, como fez o cavaleiro da fé, Maria realiza, portanto, o segundo movimento, do retorno. Este retorno não é para a eternidade ou para este infinito eterno que é Deus, mas está voltado para aquele lugar terreno em que ela vive. Ou seja, após resignar-se infinitamente e, a partir da experiência da experiência de fé, precisa retornar, porém de outra forma, a não sentir mais aquilo que fora considerado como a dor da resignação. Essa dor é uma dor existencial, e Maria, ao envolver-se no sentido da fé, descobre-se superadora, tendo em vista que essa dor se resolve no próprio envolvimento com o Absoluto. Dessa forma, a sua vida está em amar a Deus sobre todas as coisas e fundar sua existência na relação incondicional com Ele, a fim de dar sentido inabalável a sua existência.

#### 4 A CONCEITUALIZAÇÃO DE FÉ EM TEMOR E TREMOR

Nesta seção abordaremos a conceitualização de fé na filosofia de Kierkegaard (1959), a partir da leitura de *Temor e tremor*, dentro daquilo que foi experimentado por Abraão. Este, para fazer o seu encontro com o Absoluto, precisa experimentar o que significa a fé. No sentido decorrente do contexto bíblico, no qual se passa a história de Abraão com seu filho Isaac, podemos perceber que fé está ligeiramente voltada para aquilo – que sob um olhar raso, teria a ver com o sentimento que brotava da intuição de Abraão ao realizar a exigência de Deus – entendido como uma forma de corresponder simplesmente à vontade de Deus. Contudo, o filósofo vai nos ressaltar que a fé possui uma dialética a ser estudada de forma com que simples conclusões não sejam extraídas de ideias complexas como esta, mas que se refira a reflexões sobre a experiência que cada indivíduo é capaz de fazer.

Desta forma, a “fé é a mais sutil e notável de todas [virtudes]; tem uma sublimidade de que posso ter uma ideia, mas não mais que isso” (KIERKEGAARD, 1959, p. 65), de forma com que não pode ser possível uma concepção ingênua, como simplesmente o cumprimento da vontade de Deus. Mediante isso, como seria possível caracterizar Abraão como aquele indivíduo que se fez possuidor de fé?

Ressaltamos que ter “fé implica necessariamente dois pólos que se fundem num só. O primeiro é o ‘ser posto à prova’ para poder ser amadurecido. O segundo é a angústia em ‘acreditar no absurdo’” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 49-50 grifos dos autores). Podemos ver que de acordo com o que explicitam os comentadores, a fé está dentro daquilo que é experienciado pelo próprio indivíduo, ou seja, deve partir dele uma vontade que será capaz de conduzi-lo a fazer a experiência daquilo relatado por Kierkegaard como o **absurdo**. Mas a fé não está dentro da significância da palavra absurdo, como aquele em que se exigem coisas absurdas. Esse absurdo é referenciado como aquilo em que o indivíduo que nele crê faz coisas absurdas por Deus.

A ideia de fé não pode estar baseada naquela concepção comum de ética usada para uma simples interpretação sobre a atitude de Abraão, porque justamente o conceito ético é rompido de forma a valer somente aquilo que fora considerado vontade de Deus. Com a vida de Abraão, tendo como ápice a exigência divina do sacrifício do seu filho, paira sobre o pensamento de Kierkegaard (1959) a questão de onde advém a fé daquele que é considerado o pai da fé. Haja vista que mesmo durante

a explanação do seu livro, em que faz especulações psicológicas e existenciais sobre a atitude de Abraão, o filósofo não abre questionamento sobre a fé do personagem bíblico, pois busca entender como ela emerge à revelia da concepção ética-moral .

Neste sentido a “fé [também] não constitui, portanto, um impulso de ordem estética; é de outra ordem muito mais elevada, justamente porque pressupõe a resignação. Não é o instinto imediato do coração, mas o paradoxo da vida” (KIERKEGAARD, 1959, p. 84). Como já mencionamos, a fé corresponde àquilo que podemos considerar como um “fruto” da resignação. Isso, de forma que a superação positiva absoluta desta poderá promover no indivíduo a fé.

Assim, nos acrescenta o filósofo:

A fé é justamente aquele paradoxo segundo o qual o Indivíduo se encontra como tal acima do geral, sobre ele debruçado [...] e sempre de tal maneira que, note-se, é o Indivíduo quem depois de ter estado como tal subordinado ao geral, alcança ser agora, graças ao geral, o Indivíduo, e como tal superior a este; de maneira que o Indivíduo [...] encontra-se numa relação absoluta com o absoluto (KIERKEGAARD, 1959, p. 100).

De acordo com o filósofo, a fé então é aquela capaz de tornar o indivíduo em Indivíduo, e a ideia de que o ser humano seria incapaz de se fazer entender através da fé, torna-se falaciosa. Pois a “fé não é o abandono da finitude, da realidade concreta e temporal” (ROOS, 2013, p. 351). Pelo contrário, está ligada diretamente com a percepção do indivíduo no mundo, de forma a tomar posse da sua condição de necessidade de conhecimento, ou seja, de se autoconhecer através da fé. É interessante lembrar, neste ponto, que a fé se torna, então, aquela junção de dois movimentos, o primeiro da resignação e o segundo sobre o agir da força do absoluto.

Assim, pode-se entender que a fé está naquele duplo-movimento trabalhado que significa o abandono do geral, de forma a estar acima dele, mas não contra ele. Assumindo sua própria condição, resignando infinitamente, fazendo o movimento de retorno para encontrar-se com o Absoluto, ele, por fim, pode ser considerado um ser com fé. Pois só tem a fé aquele que assume sua condição humana de forma a não deixar-se perder no desespero, dando outra significância às crises existenciais. No entanto, ao assumir essa condição, fica expresso no indivíduo o paradoxo da fé, cujo tema abordaremos a seguir.



#### 4.1 O PARADOXO DA FÉ

Neste ponto, trataremos sobre como a fé é caracterizada por Kierkegaard como um paradoxo. Ao entendermos que a fé, de acordo com o filósofo, é aquilo capaz de ligar o homem a Deus, conseguimos entender como se dá o paradoxo da fé. Outrossim que na história da vida de Abraão, a fé é a marca de uma passagem que transforma inúmeras gerações, quando fica perpetuada seu modo específico de conectar-se com o Absoluto. Assim, pode ficar um questionamento: como então Abraão entendeu-se como um homem de fé, se foi necessário renunciar às coisas que lhe eram próprias em sua vida, como por exemplo, seu filho Isaac?

Como a fé, segundo Roos (2013), é aquilo que toca o ser humano de forma incondicional, fazendo referência às preocupações espirituais, estéticas, sociais; logo, ela pode ser capaz de fazer um Indivíduo como Abraão a largar tudo, de forma a não prender-se a meios estéticos e éticos e permitir realizar em si aquilo que é característico da própria fé, a vontade divina. Ademais, é interessante perceber que a fé nesta via está relacionada com o paradoxo, pois ela é a “certeza” de que se ganha a vida ao perdê-la para Deus, no que podemos ver o que nos completa o comentador: “fé [...] não é negação da realidade, mas uma ressignificação da realidade, que se expressa no pertencimento à *finitude* e ao *mundo*, na *alegria* e *perseverança* para com as coisas terrenas” (ROOS, 2013, p. 354, grifos do autor).

Desta forma, a fim de aprofundarmos um pouco mais sobre esta noção de paradoxo, ressaltamos que:

O paradoxo da fé perdeu a instância intermediária, o geral. Por um lado, a fé é a expressão do supremo egoísmo: realiza o **terrificante**, realiza-o por amor de si próprio; por outro lado é a expressão do mais **absoluto abandono**, actua por amor de Deus. [...] A fé é esse paradoxo, e o Indivíduo não pode de forma alguma fazer-se compreender por ninguém (KIERKEGAARD, 1959, p. 126 grifos nossos).

Podemos ver que o filósofo utiliza de uma palavra em específico para tratar de um dos dois lados deste paradoxo como algo terrível àqueles que observam de fora, tendo em vista que sob um olhar direto a fé pode se tornar um ponto de discordância, vindo a ser considerada assustadora. Ora, não é normal sob o sentido ético-moral que um pai abandone sua esposa e vá sacrificar seu filho em nome de Deus. Neste ponto, porém, entra uma possibilidade de contradição nesta fé que emana de Abraão, pois,

como pode um Deus que ama a todos, propor a Abraão este sacrifício tendo em vista que lhe foi profetizado gerações numerosas? Entendamos que este tipo de questionamento se baseia numa única preocupação: a manutenção de si próprio, não no que é considerado puro abandono no absoluto, como acontece com o pai da fé.

Ainda cabe entendermos como fica o outro lado desse paradoxo. A fé é aquela de onde advém o mais profundo abandono sobre as coisas materiais. E nesse sentido, ela é aquela que atua nesse intermédio entre o indivíduo e o próprio absoluto, sobre suas maiores questões existenciais, de forma a permitir que o indivíduo tenha uma profunda relação com o próprio Deus. No entanto, a fé se sustenta sobre um paradoxo, pois tudo o que se relaciona a ela não pode ser compreendido diretamente pela razão, sendo ela mesma a luz da razão. Em outros termos, a fé, do ponto de vista cristão (kierkegaardiano), é justamente o que esclarece a razão mais profunda da existência, sendo ela mesma algo inexplicável, como nos explicita e explica o filósofo: “A fé é [...] este paradoxo: o interior é superior ao exterior, ou, para retomar uma fórmula precedente, o número ímpar é superior ao número par” (KIERKEGAARD, 1959, p. 123). Desta maneira, o interior de Abraão está inteiramente ligado com o interior de Deus por intermédio da fé, onde se estabelece uma relação absoluta com o Absoluto, que entenderemos melhor no tópico seguinte.

#### 4.2 A RELAÇÃO ABSOLUTA COM O ABSOLUTO

A fé segundo o pensamento de Kierkegaard (1959) é alcançada na capacidade de realizar o salto do estádio ético para o estádio religioso no que é chamado de estádios da existência. Abraão perpassa todos os estádios da existência<sup>2</sup>, vivendo por momentos cada um deles. Neste caminho desenvolvido por Abraão em que pode ficar destacado esses saltos entre os estádios, se destaca o momento em que ele realiza o salto para o “último” estádio, o religioso. Em que, ao assumir esse estádio, toma para si algo que jamais seria assumido pelo herói trágico, a fé no Absoluto que é Deus. Abraão vai ao encontro do Absoluto. No entanto, ir ao encontro não significa de forma alguma que ele perderia a sua condição existencial de ser humano, mas o iria planificar.

---

<sup>2</sup> “Em sua filosofia dos estádios existenciais, Kierkegaard expõe o movimento do ser humano passando por estágios, para conseguir chegar à plena realização de sua existência” (JATOBÁ, 2015, p. 2).

A fé, portanto, consiste na **relação absoluta com o absoluto**, cujo vértice está naquilo que é desenvolvido pelo próprio personagem bíblico ao pôr relação com Deus acima de todas as demais, ainda que pela força do absurdo. É assim que essa relação pode ser vista de forma com que se tenha aquele paradoxo da fé, implicado nas condições que são exigidas de um indivíduo ao assumir tamanho compromisso para com Deus. É o que nos mostra o filósofo, que “há um dever absoluto para com Deus; porque, nesse dever, o Indivíduo se refere como tal absolutamente ao absoluto” (KIERKEGAARD, 1959, p. 124). Esta relação pode parecer que limite aquilo que chamamos de existência na condição de Abraão, contudo, ela é capaz de fazer com que o indivíduo perceba-se no meio em que está de forma a auxiliá-lo nas suas principais questões, como por exemplo, numa compreensão não engessada de realidades.

Nesta lógica, Abraão é aquele que se move “em nome do absurdo; porque o absurdo consiste em que está como Indivíduo acima do geral” (KIERKEGAARD, 1959, p. 101). Com isso percebamos o que Andrade (2012) tem a nos ressaltar:

A fé de Abraão era embasada no seu relacionamento pessoal com Deus, portanto, quando este lhe solicitou que sacrificasse Isaac, Abraão não hesitou, mas apartando-se de uma racionalidade ética, logo se dispôs a obedecer a petição divina. Todavia, sem deixar de apegar-se firmemente à expectativa de que Deus lhe restituiria o filho que ele iria sacrificar (ANDRADE, 2012, p. 49).

Nesta relação, podemos entender como se dá o envolvimento de Abraão com o próprio Deus através da fé, pois, para ele, a sua vida e tudo que oferecia bastava-se no Absoluto. Contudo, mesmo nos momentos em que se esperaria que ele rompesse essa fidelidade com Deus, manifestou ainda mais a sua vigilância para com os desígnios que lhe foram feitos. Com isso, se estabelece esta relação **absoluta** entre Deus (absoluto) e Abraão (pai da fé). Um vínculo que poderia provocar muitos questionamentos sobre como as coisas aconteceriam, mas que através da fé que Abraão tinha em Deus, tornou-se um laço inquebrantável, pois o pai da fé via no Absoluto o sentido para a sua vida de forma total. De certa maneira, pode parecer absurda a forma que alguém se entrega aos absurdos do Absoluto. Esse ponto pode ser mais bem esclarecido ao retomarmos o exemplo de Maria, no Novo Testamento.

A figura de Maria nos remonta ao pensamento que o Absoluto age de forma única e particular nas nossas vidas e demandas existenciais. Também a ela foi

necessário se inserir na relação total com o Absoluto, pois sua dinâmica existencial se desenrolou da mesma forma que aconteceu com o pai da fé. Maria, ao aceitar conceber o filho de Deus, teve sem recorrer à racionalização ética, a coragem de dizer sim, e em sua liberdade, poderia continuar a seguir neste relacionamento com o Absoluto, ou não. Isso nos confirma o filósofo dinamarquês quando afirma que “o indivíduo determina a sua relação com o geral tomando como referência o absoluto, e não a relação ao absoluto em referência ao geral” (KIERKEGAARD, 1959, p. 124). Portanto entendemos que, para o filósofo, a relação com Deus é o que determina como o indivíduo vive no mundo e se relaciona com tudo o mais, não o contrário. Essa é a vigência da fé, cujo duplo movimento trataremos a seguir.

#### 4.3 O DUPLO MOVIMENTO DA FÉ

Vimos, até o momento, que a fé consiste num movimento paradoxal, como também, que se trata de uma relação absoluta com o Absoluto. Porém, para advir tudo isso, é necessário que aconteça o **duplo movimento** da fé. A característica existencial central desse duplo movimento, como Kierkegaard nos apresenta em *Temor e tremor* é justamente a síntese na qual ele consiste: perder e confiar que retomará como um único movimento de ganhar tudo. Como visto, o primeiro movimento dá-se pela resignação infinita, como vai afirmar Giles: “a resignação infinita é [...] o passo que antecede a fé, visto que ninguém a atinge sem ter dado previamente esse passo” (GILES, 1975, p. 27). É interessante ressaltar que todo o bem finito está ligado às coisas terrenas boas, que são próprias da humanidade do indivíduo; com isso, pode-se compreender que só é possível alcançar tamanha compreensão através do duplo movimento que a fé propõe.

Inicialmente, o indivíduo reconhece-se necessitado de fazer o primeiro passo, que é o da **resignação infinita**, cujo conceito já foi trabalhado no segundo capítulo; à frente desse passo podemos perceber que fica uma questão: o que acontece após o indivíduo perceber-se infinitamente resignado?

A essa questão caberiam duas respostas: a primeira é que ele poderia se perder e não conseguir realizar este ato com todas as coisas, e com isso tornar-se um herói trágico; e a segunda que ele poderia se tornar aquilo que foi denominado por Kierkegaard como cavaleiro da fé, realizando o passo do duplo movimento da fé.

Neste ponto, ficaremos apenas com a segunda resposta, pois sobre o herói trágico já foi suficientemente explorado.

Mediante a isso, acrescenta Giles:

[...] um duplo movimento dialético, uma vez que depois da resignação infinita o Indivíduo vive outra vez o finito. Porém, vive essa segunda vez dentro da perspectiva do relacionamento com o Absoluto, relacionamento este que é independente de quaisquer cálculos racionais (GILES, 1975, p. 24-25).

Sobre essa ideia que o filósofo vem nos pôr em questão, em que após a resignação infinita o indivíduo vive de novo o finito, e conseguirá viver plenamente aquilo que lhe é proposto enquanto ser humano, a não romper com a sua própria essência. Este retorno é caracterizado como o segundo movimento, após o da resignação, em que podemos perceber que o indivíduo, após experimentá-lo, passa por uma motivação maior sobre como viver a sua vida enquanto ser humano de fé.

No entanto, Giles no ajuda mais uma vez sobre como compreender o homem de fé que Kierkegaard expõe:

O homem de fé transmuta em resignação infinita a profunda melancolia da existência; conhece a ventura do finito; sente a dor da renúncia total pelo que mais ama no mundo e, entretanto, saboreia o finito com tão imenso prazer, como se não tivesse conhecido nada melhor, não dá mostras de sofrer inquietação ou temor (GILES, 1975, p. 26).

É de se perceber que a grande qualidade do homem de fé está além do primeiro movimento realizado, pois poderia se limitar apenas a este. Essa qualidade está então naquele movimento de retorno que ele faz. O indivíduo faz a resignação infinita e, por fim, faz o movimento de retorno, movimento este que lhe é característico de trazer bem-aventuranças enquanto ser neste mundo. E a partir disso poderá, através da fé, compreender melhor como se dão as coisas neste mundo, sem se deixar levar por aquilo que o sentido ético tem a limitar.

A fé neste ponto do segundo movimento vem de forma a nos deixar claro que aquilo que provém dela, não tem a intenção de simplesmente dificultar o sentido, mas dá-las um novo sentido, ou melhor, um sentido pleno no transcender ao Absoluto. E ela, portanto, a ser utilizada para unir o indivíduo ao próprio Absoluto.

Não nos é cabível delimitar a fé mediante um simples discurso lógico, pois isso ajudaria com que a fizéssemos perder o sentido que Kierkegaard expôs com maestria. Mas pode ser considerado inteligível mediante os processos que o filósofo coloca

como condição para obtê-la. E se esses processos não podem ser validados, logo, todos podemos ser possuidores de fé, pois ela “espera em virtude do absurdo, não em virtude do entendimento” (GILES, 1975, p. 24). O que Kierkegaard pretendeu ao tratar de modo filosoficamente existencial o conceito de fé foi provocar o leitor que se entendia cristão em sua época a refletir com mais profundidade a respeito dessa condição. Ao enfatizar o caráter absurdo da fé, ele quis indicar que a vida cristã depende essencialmente de um elemento que supera o entendimento racional, fazendo entender que o cristianismo era irredutível às explicações iluministas e idealistas influentes no contexto dele. Ao apresentar a fé conceitualmente como duplo movimento, o dinamarquês pretendeu tanto ironizar a forma especulativa do idealismo, que queria reduzir tudo a conceitos abstratos, quanto indicar que a fé se configura como ação. Com isso, a fé depende da tomada de decisão e da vivência prática do indivíduo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia kierkegaardiana mostra que a fé faz o indivíduo transcender em direção ao Absoluto, mesmo sendo uma vivência na finitude imanente. Um ser humano formado pelas suas concepções ético-morais é convidado a se entender como indivíduo neste mundo. Desta forma, a exemplificação da história de Abraão feita por Kierkegaard vem trazer como fatos tão importantes que aconteceram no decorrer do Antigo Testamento não eram trazidos à reflexão da existência.

A pseudonímia utilizada pelo filósofo como forma de expressar aquilo que ele vinha refletindo é uma característica visceral para entender o que o filósofo queria passar com sua filosofia. Na obra **Temor e Tremor** é sutil a forma como utiliza deste método. A titulação que sua filosofia recebeu como o precursor do existencialismo, hoje se faz crucial pela eloquência das suas críticas feitas a filosofia existencial de Hegel. No entanto, o uso do pseudônimo Johannes de Silentio foi de alcançar uma empatia do leitor e que a partir disso ele tivesse condições de refletir sobre sua própria existência, sem julgar o autor.

Os conceitos que são trabalhados na obra são relativos a uma totalidade existencial infinita, pois não trataram apenas sobre o homem finito. A divindade tratada diretamente por Johannes de Silentio como Absoluto, é vista na sua forma de referir-se ao próprio Deus. A religiosidade idealizada pelo filósofo está dentro do caminho experimentado por Abraão no seu contexto histórico. O sacrifício de Isaac, filho de Abraão e Sarah, vem com grande destaque, pois, quando utilizamos da filosofia kierkegaardiana sobre o movimento que a fé nos provoca, logo, conseguiremos alcançar uma plena existência enquanto indivíduos.

O personagem Abraão é um homem de fé, o que significa que realizou em sua existência um duplo movimento, chamado por Johannes de resignação infinita e retomada pela fé, respectivamente. A resignação infinita se faz como aquele primeiro impulso sobre o qual o homem se apoia para conseguir dar um grande passo qualitativo em sua existência. Resignar é ser capaz de renunciar a tudo por algo maior. Esse é o caminho para se conseguir aquilo que, a princípio, todos podem adquirir: a fé. Contudo, para alcançar este ponto é necessário que se tenha a confiança de que nada foi perdido, mas pode ser retomado, por mais absurdo que seja, pela força e fidelidade do Deus Absoluto.

Kierkegaard declara a partir dessa ideia a noção de cavaleiro da fé. Homem cuja coragem é estampada em enfrentar as consequências que são oriundas de suas escolhas. Mencionando Abraão, a obra **Temor e tremor** faz utiliza do personagem bíblico que teve a coragem e a fidelidade no cumprimento de tamanha exigência feita por Deus. Trata-se de um homem que teve por seu ideal a sua relação absoluta com o absoluto. Uma relação capaz de fazer a Abraão experimentar a sua existência finita junto do infinito que é Deus.

A fé, então, é o ponto apical do indivíduo neste mundo. Pois, após passar pelo caminho de conhecimento dela, chega-se ao seu entendimento de si próprio. Isso significa que vivenciar é responder aos anseios existenciais na finalidade de alcançar o entendimento mais profundo de ser indivíduo neste mundo.

A conclusão dessa filosofia é que o ser humano, a fim de alcançar a finalidade da sua existência, necessita incansavelmente de se tornar, através da fé, um indivíduo neste mundo fundamentado no Absoluto que é Deus.



## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1210 p.

ALMEIDA, Jorge Miranda de; VALLS, Alvaro L. M. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

ANDRADE, Nicoly Castro Rodrigues de. **O conceito de cristianismo na filosofia de Soren Kierkegaard**. 2012. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4188>. Acesso em: 20 set. 2022.

BÍBLIA. Português. **Bíblia do Peregrino**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2017.

GILES, Thomas Ransom. **História do Existencialismo da Fenomenologia**. São Paulo: Edusp, 1975.

JATOBÁ, Eduardo Carnello. A Existência não é uma trivialidade: a realização subjetiva do eu em Kierkegaard. **Revista Contemplação**, São Paulo n. 3, 2015. Disponível em: <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/18>. Acesso em: 13 set. 2022.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **Temor e Tremor**. Lisboa: Guimaráes Editores, 1959.

PAULA, Marcio Gimenes de. Derrida, leitor de Kierkegaard: o caso de temor e tremor. **Revista Prometeus**, Sergipe v. 10, n. 24, p. 140-149, 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/7188/5785>. Acesso em: 03 set. 2022.

PEREIRA, Claudinei Reis. A Angústia Silencial de Abraão em Temor e Tremor. **Revista Filosofando**, Vitória da Conquista v. 4, n. 1, p. 46-58, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/filosofando/article/view/4416>. Acesso em: 20 set. 2022.

RIBOLLA, José. **O jeito de Maria de Nazaré**. São Paulo: Editora Santuário, 1991.

ROOS, Jonas. Religião, temporalidade e Corporeidade em Kierkegaard. **Revista Numen**, Juiz de Fora v. 17, n. 1, p. 347-363, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21956>. Acesso em: 14 set. 2022.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril S.A., 1973.

SANTOS, Antonio Macedo dos. Abraão e Maria: personagens que dão referência para os conceitos de Kierkegaard em Temor e Tremor. **Revista Primordium**, Uberlândia, v. 6, n. 12, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/primordium/article/view/63112/33317>. Acesso em: 09 set. 2022.